

## CAPÍTULO VII

# MODELO METODOLÓGICO: AS FASES DA PESQUISA

O segundo momento do processo de operacionalização do modelo metodológico é o da construção/reconstrução da pesquisa, agora vista como processo de articulação em diferentes fases ou etapas metodológicas.

Apesar da representação sequencial da pesquisa implicada na divisão em fases, estas não são absolutamente autônomas nem estanques. A dinâmica do processo de pesquisa exige interações, voltas, novas combinações lógicas entre as etapas. Também é necessário lembrar os cruzamentos que se dão entre as operações envolvidas em cada fase e as operações propriamente estruturais do nível epistemológico, teórico, metódico e técnico.

A concepção de pesquisa empírica como sequência de fases está fundamentada nos seguintes pontos:

1. A fase de definição do objeto de pesquisa precede à observação propriamente dita e a esta seguem-se a elaboração descritiva e a interpretativa das evidências descobertas durante a fase da observação.
2. Este encadeamento das diversas fases da pesquisa empírica demonstra que há certa *ordem* nas diferentes operações intelectuais realizadas pelo investigador.

3. O encadeamento indica também que essas operações são *interdependentes*, associando-se e influenciando-se mutuamente, segundo o padrão regular de trabalho científico.

As fases da pesquisa e suas operações estão no Quadro 2 e são representadas no Gráfico 3.

QUADRO 2

COMPONENTES SINTAGMÁTICOS DO MODELO METODOLÓGICO	
Fases Metodológicas	Operações Metodológicas
I) Definição do objeto (teorização da problemática)	1) Problema de pesquisa 2) Quadro teórico de referência 3) Hipóteses
II) Observação (técnicas de investigação)	4) Amostragem 5) Técnicas de coleta
III) Descrição (técnicas e métodos de descrição)	6) Análise descritiva
IV) Interpretação (métodos de interpretação)	7) Análise interpretativa 8) Conclusões* 9) Bibliografia*

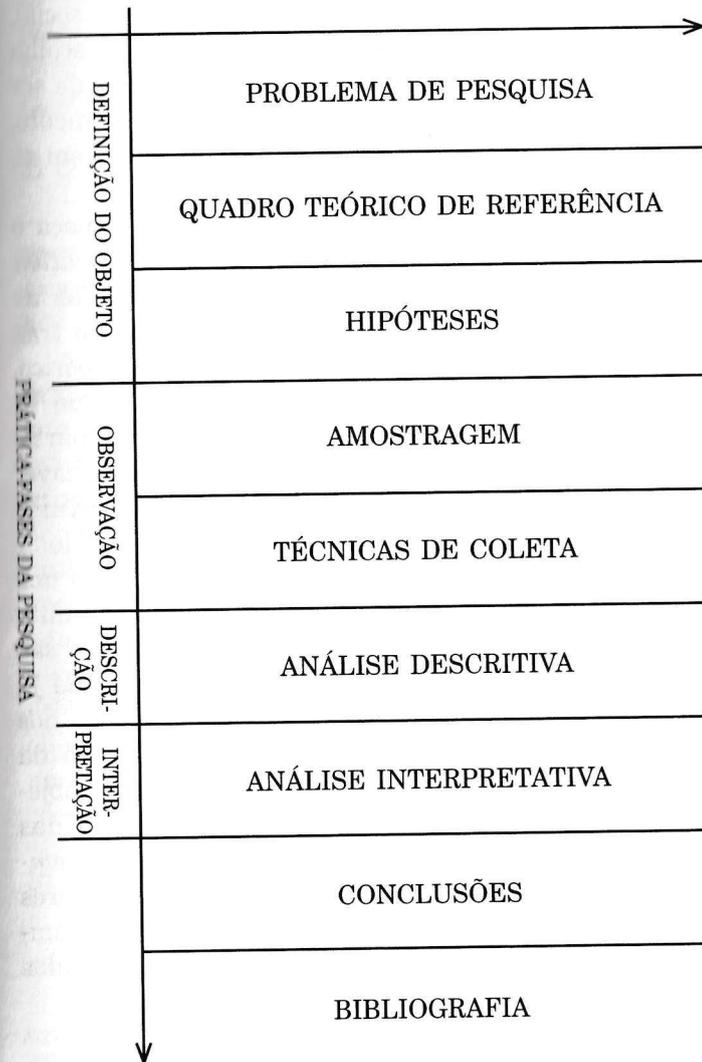
\* As conclusões e a bibliografia não constituem operações da fase IV.

### 1. A definição do objeto

É inegável a importância do nível epistemológico e teórico no desenvolvimento de todas as fases da investigação. Na verdade, a própria estratégia da pesquisa, a coleta e a seleção dos dados e sua manipulação analítica dependem, fundamentalmente, do *quadro de referência* escolhido pelo investigador. Portanto, a primeira fase da pesquisa empírica é constituída por operações de caráter totalmente teórico feitas sempre em função

do fenômeno de comunicação que se quer investigar. Assim, o quadro de referência acaba delimitando teoricamente o problema de pesquisa e os alvos de toda a investigação.

As operações envolvidas nesta fase são: o problema de pesquisa; o quadro teórico de referência e as hipóteses.



Componentes sintagmáticos do modelo metodológico

GRÁFICO 3

### 1) O problema de pesquisa

Este problema situa-se num conjunto mais amplo, que é o assunto ou tema da pesquisa. Este é escolhido e aquele é constituído pelo investigador.

Dificilmente a escolha do assunto é responsabilidade exclusiva do investigador. O engajamento teórico, o compromisso social, as condições institucionais são fatores intervenientes na escolha e dirigem os alvos teóricos e práticos da pesquisa. Em vez de ser apressadamente confundida com a moda intelectual do momento, a escolha do tema deve ser encarada como “um fato social em si, e que pode também ser explicada sociologicamente”<sup>1</sup>.

Na primeira operação metodológica da pesquisa começa o exercício da vigilância epistemológica, por meio da *justificativa da escolha do assunto*, quando devem ser fundamentadas as razões que levaram a tal escolha. Uma vez que o assunto traz em si uma problemática sempre vinculada a um modelo teórico, é mediante um procedimento quase sempre dedutivo que se chega a especificar o problema da pesquisa. Costuma-se partir de um problema abrangente até se conseguir a “pergunta-chave” que a pesquisa pode responder. A questão crucial constitui o problema de pesquisa que deve ser criteriosamente redigido.

Essa definição deve ser acompanhada pela *elucidação dos conceitos envolvidos*. É que o problema vem a ser um conjunto de proposições que estabelecem relações entre termos que são conceitos de elevado nível de abstração. A necessidade que já se apresenta nessa fase é de proceder à *operacionalização* dos conceitos. Esta é uma operação envolvida no nível técnico da pesquisa que aqui incide na fase de elaboração teórica do objeto, mais diretamente sobre a explicitação dos conceitos e das hipóteses. Os conceitos são transformados em *indicadores empíricos*, ou unidades diretamente observáveis. Esses indicadores são concreções de cada variável ou dimensão em que foi decomposto o conceito original. O conjunto dos indicadores envolvidos

1. Perseu Abramo, “Pesquisa em Ciências Sociais”, in Sedi Hirano (org.), *Pesquisa social — projeto e planejamento*, São Paulo, T. A. Queiroz, 1979, p. 60.

nos conceitos e nas hipóteses deve fornecer o esboço que permitirá construir os instrumentos técnicos da fase seguinte, que é a observação.

Os *objetivos* da pesquisa também decorrem da formulação do problema. Fixados nessa primeira fase da pesquisa, eles devem ser exequíveis e podem conjugar várias ordens: empírica (verificar determinado fenômeno da realidade), teórica (contribuir para o estudo da teoria sobre o problema), prática (intervir na existência do fenômeno) etc.

### 2) O quadro teórico de referência

Ao ser formulado, o problema de pesquisa é automaticamente inserido em determinada orientação teórica que lhe provê o quadro de conceitos disponíveis e assim organiza o *objeto teórico* da pesquisa.

Nesta segunda operação metodológica procede-se ao enquadramento teórico do objeto. Além da explanação teórica do objeto feita a partir de determinado paradigma científico, faz-se também necessário situar o problema em relação às pesquisas existentes, mesmo de orientações teóricas diferentes. Trata-se de descrever o que se chama de “estado de conhecimento” do problema, o que pressupõe a realização de uma *pesquisa bibliográfica específica*<sup>2</sup>. Esta, para ser incorporada eficazmente ao quadro de referência da pesquisa, deve comportar pelo menos o estudo de textos que versem sobre: os modelos teóricos; os problemas metodológicos e os conteúdos temáticos relativos ao objeto da investigação. Essa bibliografia será utilizada como apoio ao longo de todo o processo de pesquisa, devendo as citações serem pertinentes a cada uma das fases.

### 3) As hipóteses da pesquisa

Na fase de definição ou construção do objeto de pesquisa, as operações iniciais de elucidação conceitual do problema e de

2. A bibliografia que aparece no Quadro 2 refere-se a esta pesquisa bibliográfica, que deve acompanhar toda a pesquisa.

sua contextualização num quadro teórico de referência constituem as fontes básicas das hipóteses da pesquisa. Desse ponto de vista, as hipóteses têm sua origem na problemática teórica e se constituem em *hipóteses teóricas* da pesquisa. Daí decorre a necessidade de se ter sempre em vista, com a maior clareza possível, o método de interpretação adotado e suas implicações teóricas, especialmente conceituais, e as que se refletem na seleção das técnicas e métodos descritivos de pesquisa.

Desse modo, analogamente à operacionalização dos conceitos em indicadores empíricos observáveis, as hipóteses teóricas também são traduzidas em *hipóteses de trabalho*. Estas são afirmações condicionais feitas geralmente no início da pesquisa com o objetivo de orientá-la e podem ser modificadas parcial ou totalmente em seu decorrer. Ao término da investigação, espera-se a confirmação, a rejeição (total e parcial) ou a formulação de novas hipóteses.

A função do *sistema de hipóteses* é fornecer a conexão necessária entre teoria e investigação, teoria e fato. Ao sugerirem relações entre conceitos e variáveis, as hipóteses se definem como *meios* pelos quais a teoria intervém na investigação e nos fatos. Por isso, pensar em sistema de hipóteses implica não apenas a articulação de várias hipóteses dando conta dos diversos níveis de concreção do objeto, mas também estabelecer diretrizes entre *hipóteses centrais*, mais amplas, e *hipóteses derivadas ou secundárias*, mais específicas. Permite-se assim trabalhar inter-relacionando movimentos de indução e de dedução entre as hipóteses<sup>3</sup>.

Uma observação se faz necessária sobre a questão da obrigatoriedade ou não da hipótese numa pesquisa empírica. Trata-se da presunção de que a hipótese só seria necessária em pesquisas interpretativas, tornando-se dispensável nas pesquisas descritivas ou de caráter exploratório. Provavelmente esta posição possa se justificar nas Ciências Exatas, que possuem um

3. Um trabalho de construção de hipóteses que continua como modelo teórico e operacional é o realizado na pesquisa sobre relações raciais por Florestan Fernandes e Roger Bastide. Ver "O preconceito racial em São Paulo. Projeto de estudo", in S. Hirano (org.), *Pesquisa social — projeto e planejamento*, op. cit.

corpo teórico e conceitual já sedimentado e em que novas linhas de pesquisa se implantam atendendo primeiramente à necessidade de coletar e descrever dados que só posteriormente são incorporados à teoria. Esse não é o caso das Ciências Sociais. Nestas, por um lado, a imaturidade de seu corpo teórico e, por outro, a complexidade e a pluridimensionalidade do objeto, suas variações históricas e seu dinamismo, praticamente as condenariam à condição de perpétuas "ciências exploratórias", se não se dispusessem a testar e a elaborar permanentemente suas hipóteses. Isso torna-se mais necessário no campo recém-delimitado da Comunicação. É evidente a crescente exigência que temos de levantar dados empíricos a respeito dos fenômenos comunicacionais, assim como a necessidade de sua "descrição", que vem a ser o nível de elaboração mais próximo da manifestação concreta desses fenômenos.

Cabe lembrar aqui o que já afirmamos a respeito da "ilusão da transparência do real" e a crítica ao empiricismo. Criticar o empiricismo não é (a não ser por má-fé) fazer a defesa do teoricismo; é, antes, reconhecer a fraqueza do trabalho teórico no campo da Comunicação como a provável causa principal de nossa crise de identidade e da ausência de uma orientação substantiva em nossa pesquisa. O crescimento de um campo científico só se dá mediante o permanente confronto da teoria com os fatos, fatos esses que devem ser criteriosamente colhidos e transformados em objetos científicos por meio da manipulação e elaboração intelectuais. Como afirmou Bunge, sem teoria não há ciência. Pressupor que a teoria seja um "luxo" no campo da Comunicação, ou poder abster-se dela, e uma impostura que deve ser recusada sob pena de privar o trabalho de pesquisa realizado nesse campo da própria condição de ciência.

Duas situações devem ser evitadas. A primeira é a que caracteriza boa parte das pesquisas de Comunicação nos EUA, que redundaram na construção de técnicas muito aperfeiçoadas de coleta de dados e na grande desproporção entre o acúmulo de dados e o curto alcance de suas explanações teóricas. A segunda é a promovida por certa concepção hierárquica de pes-

quisa, pela qual existiriam pesquisas de primeira e de segunda linha; enquanto estas se especializariam apenas em coletar os dados, com ou sem análise descritiva, aquelas as usariam posteriormente como dados secundários, sobre os quais fariam a interpretação teórica. Evidentemente, não concordamos com essas posições e consideramos necessária a *presença de hipóteses* na pesquisa empírica, principalmente nas teses, mesmo que sua validade tenha o marco de um universo restrito ou que se abstenham de proceder a generalizações. Igualmente necessária é a *formulação explícita do sistema de hipóteses*, sob risco de não se efetuar a ruptura epistemológica com as categorias e problemas do senso comum. Cada hipótese deve ser conceitualmente clara, de forma que os termos lógicos possam ser relacionados a variáveis e estas possam ser operacionalizadas ou decompostas em indicadores empíricos observáveis.

Em termos operacionais, a função do conjunto de hipóteses em uma investigação é fazer a ponte entre a teoria e os fatos de realidade e, deste modo, conduzir à elaboração de uma estratégia da investigação ou desenho de pesquisa.

## 2. A observação

A segunda fase da pesquisa empírica é constituída pelo processo de observação. As operações envolvidas nessa fase visam à "reconstrução empírica da realidade", isto é, visam coletar e reunir evidências concretas capazes de reproduzir os fenômenos em estudo no que eles têm de essencial.

A observação nas Ciências Sociais, por ser o processo de construção dos dados científicos, é uma etapa crucial da investigação e reveste-se de questões metodológicas particularmente graves. Isso porque a observação, por um lado, prende-se aos propósitos teóricos da investigação que repercutem na reconstrução empírica dos fenômenos e, por outro, deve desenvolver técnicas de controle do próprio processo de observação.

Cria-se então a necessidade de promover uma *integração metodológica* entre o momento da observação a ser realizado

por meio de operações intelectuais de caráter técnico e o momento posterior da explanação a ser desenvolvido por operações intelectuais de caráter lógico. É a necessidade de integração, diríamos orgânica, entre a observação, por um lado, e a descrição e a interpretação, por outro, que exige do pesquisador o equacionamento de uma *estratégia da pesquisa*, ou o seu *design*: feita a formulação do problema, esta deve indicar o tipo de dados a procurar e como obtê-los, o tipo de tratamento a dar-lhes, como vinculá-los ao quadro teórico da pesquisa etc. É importante, então, neste momento, antes de "ir a campo", fazer a crítica epistemológica da observação.

A realidade não é suscetível de apreensão imediata, e sua reprodução exige atividades intelectuais complexas<sup>4</sup>; o importante não é o que se vê, mas o que se vê com método, pois o investigador pode ver muito e identificar pouco e pode ver apenas o que confirma suas concepções.

Por isso, consideramos a etapa da observação o momento em que a ruptura epistemológica deve ser realizada na prática (porque esta pode ter sido feita apenas no nível teórico por ocasião da elaboração da problemática). E, conseqüentemente, consideramos estreita a concepção de observação como conjunto de operações para reunir dados brutos, segundo a qual ela se torna sinônimo de técnicas de coleta de dados. Concordando com Florestan Fernandes, a observação reúne as seguintes características: "Primeiro ela transcende a mera constatação dos dados de fato. Segundo, ela envolve a complementação dos sentidos por meios técnicos. Terceiro, ela constitui o processo pelo qual os níveis empíricos, relevantes para a descrição ou a interpretação dos fenômenos sociais, são obtidas, selecionadas e coligidas"<sup>5</sup>. Trata-se então de uma fase dominada por operações do

4. No dizer de Marx, toda ciência seria supérflua se a aparência exterior e a essência das coisas coincidissem diretamente.

5. F. Fernandes, *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*, op. cit., pp. 6-7. A acuidade do tratamento metodológico dado por esse autor ao processo de reconstrução da realidade nas Ciências Sociais é responsável pela extrema atualidade desse escrito sobre a observação, que é de 1957.